

# Abertura

Por **JOÃO CARLOS ESPADA**

Director do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica portuguesa. Director de *Nova Cidadania*

## Liberdade e Responsabilidade Pessoal

**E**ste número de *Nova Cidadania* exprime de forma particularmente feliz o projecto educativo que o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa tem procurado desenvolver desde a sua fundação, em 1996. Sete artigos são da autoria de alunos do IEP, cinco dos quais no âmbito de uma mesma disciplina, dirigida por Miguel Monjardino, dedicados a Tucídides e à *História da Guerra do Peloponeso*. Todos os outros autores são professores do IEP. A abrir, um eloquente artigo de Mário Pinto, presidente do Conselho Editorial de *Nova Cidadania* e fundador do IEP-UCP, exprime a ideia que está no centro do projecto educativo do IEP-UCP: a liberdade e responsabilidade pessoal, da qual a liberdade de educação é expressão crucial.

Por vezes, esta ideia de liberdade é associada à ruptura com o passado e à construção de uma sociedade nova, totalmente liberta do que é considerado o jugo da tradição. Embora possamos compreender o impulso perfeccionista subjacente a essa interpretação da liberdade, vale a pena observar que esse não é o nosso entendimento.

A liberdade não é uma ideia nova. É uma ideia muito antiga, que distingue há 2500 anos a civilização ocidental. Não foi produto de qualquer plano central nem de qualquer súbita inovação, como Edmund Burke nunca se cansou de recordar. Foi uma ideia que emergiu gradualmente e em que gradualmente muitas pessoas se sentiram confortáveis.

Não foi imposta de fora para dentro, digamos assim, por uma espécie de vanguarda esclarecida, em ruptura com os modos de vida tradicionais. Terá sido ini-

cialmente preferida por algumas pessoas, e não imediatamente por todas ou pela maioria, mas não foi seguramente imposta por aquelas sobre estas. Expandiu-se gradualmente, pelo exemplo, pelo usufruto independente, pacífico e ordeiro. A liberdade tornou-se, ela própria, um modo de vida confortável e tradicional para aqueles que descobriram o seu encanto. Foi isso que a tornou e mantém atractiva.

Um dos modos de vida onde a liberdade terá mais cedo lançado raízes foi sem dúvida na Universidade, na ideia de Universidade — a ideia que o IEP-UCP se orgulha de tentar preservar. Perguntar-se-á hoje que propósito preside a essa ideia de Universidade. Uma resposta plausível é simplesmente a busca do conhecimento, através do diálogo livre entre perspectivas rivais.

Esse é o propósito de uma Universidade desde que a ideia de Universidade emergiu — pois também ela não foi centralmente planeada — na Grécia antiga, há mais de 2500 anos. Desde então, temos feito basicamente o mesmo: enfrentamos problemas, enunciámos perguntas, conjecturámos respostas, submetemo-las a teste e confrontamo-las com conjecturas rivais.

Karl Popper chamou a esta atitude a tradição da sociedade aberta. É uma tradição feita simultaneamente de ambição e humildade intelectuais. Ambiciona explorar o desconhecido, mas tem a humildade de reconhecer que sabemos muito pouco, cometemos muitos erros, embora possamos aprender com os nossos erros. Estamos abertos a novas propostas — que serão também elas submetidas à crítica — mas não aceitamos apagar o passado sob a ilusão dogmática de que tudo o que não pode ser provado deve ser abandonado.

Devemos abandonar tudo o que tenha sido refutado, mas não podemos aban-

donar tudo o que não foi provado. Se o fizéssemos, como muito bem observou Karl Popper na sua crítica ao racionalismo dogmático, voltaríamos ao homem das cavernas. Muitas das nossas cruciais tradições de civilidade e respeito mútuo, de compaixão e misericórdia, não podem ser provadas cientificamente. Se as abandonássemos por causa disso, obteríamos o que Lord Macaulay designou por “the frightfulness of technical civilisation without its mercy”. Os totalitarismos pagãos do século XX, o nazismo e o comunismo, foram precisamente prova aterradora das atrocidades de uma civilização técnica sem misericórdia.

Em contraste com esses totalitarismos pagãos, a nossa tradição de abertura e moderação, de ambição e humildade, exprime um compromisso fundamental com a civilização da liberdade. Trata-se de uma velha civilização, assente numa longa conversação a várias vozes. Emergiu na Grécia antiga, evoluiu com a república e o império romanos, foi decisivamente elevada pela mensagem revelada judaico-cristã. Assenta num diálogo e numa tensão entre fé e razão. Recusa a intransigência de agitadores revolucionários e de propagandistas reaccionários. Depende exclusivamente do sentido de dever, livremente assumido, de cidadãos livres e responsáveis — “gentlemen”, na feliz expressão inglesa.

No IEP-UCP, temos orgulho nesta civilização da liberdade. Por isso, procuramos manter a sua memória e temos gosto em manter com ela uma conversação, sempre inacabada e sempre recomeçada por cada nova geração. Esta edição de *Nova Cidadania* submete ao olhar crítico dos leitores uma boa imagem daquilo que gostamos de fazer no IEP-UCP. ■